

O FIM DO PENSAMENTO

Giorgio Agamben*

Tradução de Alberto Pucheu

Acontece como quando caminhamos no bosque e, subitamente, surpreende-nos a variedade inaudita das vozes animais. Silvo, trilo, chilro, lascas de lenha e metais estilhaçados, assobios, cochichos, cicios: cada animal tem seu som, nascido imediatamente de si. Ao fim, a nota dúplice do cuco ri de nosso silêncio, divulgando nosso ser insustentável, o único sem voz no coro infinito das vozes animais. Então, provamos do falar, do pensar.

Em nossa língua, a palavra pensamento tem por origem o significado de angústia, de ímpeto ansioso, que se encontra ainda na expressão familiar: *stare in pensiero* (estar atormentado). O verbo latino *pendere*, de onde deriva a palavra nas línguas romanas, significa *estar suspenso*. Agostinho utiliza-o neste sentido para caracterizar o processo do conhecimento: “O desejo que há na procura procede de quem busca e permanece, de alguma maneira, suspenso (*pendet quodammodo*), até repousar na união com o objeto enfim encontrado”.

Que coisa está suspensa, que coisa pende no pensamento? Pensar, na linguagem, não podemos, porque a linguagem é e não é a nossa voz. Eis uma pendência, uma questão não resolvida na linguagem: será nossa, a voz, como o zurro a voz do burro e o trilo a voz do grilo? Por isto, ao falar, somos constringidos a pensar e manter suspensas as palavras. O pensamento é a pendência da voz na linguagem.

(No seu trilo, é claro: o grilo não pensa).

* Giorgio Agamben, um dos mais importantes filósofos em atividade, publicou *Il linguaggio e la morte, La comunità che viene, Idea della prosa, Categorie italiane: Studi di poetica*, entre outros.

À noite, passeando pelo bosque, a cada passo, sentimos animais invisíveis rastejarem por entre as moitas que ladeiam o caminho: se lagartos ou ouriços, tordos ou serpentes, não sabemos. O mesmo acontece quando pensamos: não tem importância o caminho da palavra que percorremos, mas a confusa agitação que sentimos ao redor, como a de um animal em fuga ou a de qualquer coisa que, de repente, acorda com os barulhos dos passos.

O animal em fuga, que percebemos rumorejar pelas palavras, – foi dito –, é a nossa voz. Pensamos – temos as palavras suspensas e nós mesmos estamos como que suspensos na linguagem – porque esperamos, assim, reencontrar, ao fim, a voz. Um dia, – foi dito –, a voz se inscreve na linguagem. A procura da voz na linguagem é o pensamento.

Que a linguagem surpreenda e sempre antecipe a voz, que a pendência da voz na linguagem não haja mais fim: este é o problema da filosofia. (Como cada um *resolve* esta pendência é a ética).

Mas a voz, a voz humana não é. Não é nossa a voz que podemos seguir no traçado da linguagem, colhendo-a – para recordá-la – no ponto em que ela se desfaz no nome, se inscreve na letra. Nós falamos com a voz que não temos, que jamais foi escrita (*agrapta nomima*, Antígona, 454). E a linguagem é sempre “letra morta”.

Pensar, podemos apenas se a linguagem não é a nossa voz, apenas se, nisso, medimos o insondável de nossa afonia. O que chamamos de mundo é este abismo.

A lógica mostra que a linguagem não é a minha voz. A voz – ela diz – foi, mas já não é, nem poderá mais ser. A linguagem tem lugar no não-lugar da voz. Isto significa dizer que o pensamento nada há de pensar da voz. Esta é a sua piedade.

Então, a fuga, a pendência da voz na linguagem deve ter fim. Podemos deixar de ter a linguagem, a voz, em suspensão. Se a voz jamais foi, se o pensamento é pensamento da voz, ele *não* tem mais *nada* a pensar. O pensamento cumprido não tem mais pensamento.

Do termo latino que, por séculos, designou o pensamento, *cogitare*, na nossa língua, restou apenas um traço na palavra *tracotanza*¹. Ainda no século XIV, *coto*, *cuitanza*, queria dizer: pensamento. Através do provençal *oltracuidansa*, *tracotanza* provém do latino *ultracogitare*: exceder, passar o limite do pensamento, sobrepensar, *spensare*.

O que foi dito poderá ser dito de novo. Mas o que foi pensado não poderá mais ser dito. Da palavra pensamento, tu te despedes para sempre.

Caminhamos no bosque: de repente, sentimos um fremito de asas ou de ervas agitadas. Um faisão voa e mal temos tempo de vê-lo desaparecer por entre os galhos, um porco-espinho se embrenha no mato mais denso, a serpente faz as folhas secas crepitarem sob si. Não o encontro, mas esta fuga de animais selvagens invisíveis, é o pensamento. Não, não era a nossa voz. Nós nos avizinhamos da linguagem o quanto era possível, quase a roçamos, em suspensão: mas o nosso encontro não ocorreu, e, agora, retornamos, impensadamente, desta vizinhança, para a casa.

A linguagem, portanto, é a nossa voz, a *nossa* linguagem. Como tu agora falas – eis a ética.

Nota

¹ Arrogância, prepotência, insolência, atrevimento, petulância, presunção. [N.T.]